

## A NOVA CRISE DAS CIÊNCIAS EUROPEIAS

Ao longo do último século algumas reflexões têm assinalado a necessidade de uma interrogação profunda não apenas sobre o desempenho, mas também sobre a natureza e missão das ciências nas sociedades contemporâneas. Em 1935, escassos anos antes da eclosão da II Guerra Mundial, o filósofo alemão Edmund Husserl proferiu em Praga uma conferência, de cujo título se retirou inspiração para o tema desta iniciativa da Academia das Ciências de Lisboa, destinada a corresponder em Portugal ao desafio da comemoração do **World Science Day for Peace and Development 2025**, promovido pelo **International Science Council** no dia 10 de novembro de 2025.

Uma característica essencial da ciência nascida com a Modernidade europeia nos séculos XV a XVII, é a unidade entre teoria e aplicação tecnológica, daí a expressão hoje comumente usada de tecnociência. Muitas vezes, o sucesso no plano tecnológico tem atrasado a necessidade de ponderar sobre os princípios e implicações fundamentais das ciências modernas que, embora nascidas na Europa, são hoje universais.

A crescente consciência da crise das ciências tem sido alimentada tanto pelo agravamento da situação material objetiva do estado do mundo, nomeadamente, dos riscos existenciais que ameaçam toda a humanidade, como também, no que aos países europeus diz respeito, pelo declínio do seu desempenho tecnocientífico que abrange, embora em menor escala, também o dos EUA.

Estamos a assistir a uma clara transferência dos centros de poder económico e tecnocientífico, dos países que ao longo dos últimos dois séculos foram dominantes, para uma aliança de Estados e nações, anteriormente colonizadas ou intervencionadas pelo Ocidente, mas que hoje se afirma com um vigor e capacidade de iniciativa inegáveis. No plano das alianças, as antigas potências hegemónicas integram o G7, enquanto os poderes emergentes tendem a agrupar-se nos BRICS.

Numa perspetiva económica, se compararmos o peso do G7 e dos BRICS no PIB mundial (por paridade do poder de compra) verificamos uma mudança dramática entre 2000 e 2024. **Em 2000, o G7 representava 43, 28% do PIB global contra 21, 37% dos BRICS. Em 2018 deu-se a inversão: 31, 84% contra 32, 33%.** Estima-se em 2024 um recuo do G7 para 29,64% contra 35, 43% dos BRICS (dados da empresa alemã, *Statista*).

No plano mais fino da ciência e tecnologia (C&T), os resultados são ainda mais surpreendentes. Em agosto de 2024 foi publicado um relatório do *Australian Strategic Policy Institute*, um think-tank ligado ao governo de Camberra, sobre os países que lideram a C&T em 64 áreas críticas para o futuro: a defesa, o espaço, a energia, o ambiente, a inteligência artificial (IA), biotecnologia, robótica, cibernética, computação, materiais avançados e áreas-chave da tecnologia quântica. Estuda-se o período de 2003 a 2023. Também na C&T, o Ocidente regride. **Em 2003, os EUA lideravam em 60 das 64 tecnologias. Em 2023, lideram apenas em sete. A China, pelo contrário, passou do lugar da frente em três tecnologias (2003) para 57 das 64 tecnologias em 2023.** Se a UE contasse como país, lideraria apenas em duas tecnologias (sensores de força gravitacional e pequenos satélites). **Outros países dos BRICS têm lugar destacado: a Índia está entre os cinco primeiros países em 45 das 64 tecnologias, o Irão em oito, a Arábia Saudita em quatro.**

Se nos voltarmos para as questões existenciais que deveriam convocar as comunidades científicas, na Europa e no mundo, para o diálogo e a ação cooperativa,

poderemos identificar três perigos fundamentais, que se não forem enfrentados terão consequências devastadoras: a) **O agravamento da crise global do ambiente e clima**, que tem tido, também por parte da Europa e dos EUA, uma resposta conformista: disfarçada no caso europeu, brutal no caso dos EUA; b) a escalada bélica na Europa, e noutras regiões críticas do mundo, ameaçando, como nunca em qualquer período depois de 1945, **a possibilidade de uma destruição mútua assegurada (MAD) num conflito nuclear generalizado**; c) **A corrida vertiginosa entre os EUA e a China para o crescimento da Inteligência Artificial**, visando etapas qualitativamente superiores (*generative AI*, ou mesmo *general AI*), **sem que protocolos de segurança sejam estabelecidos** por todos as empresas e Estados envolvido nessa corrida sem restrições.

Vivemos um paradoxo sem qualquer paralelo no passado. Nunca como hoje a humanidade teve nas suas mãos conhecimentos, competências e instrumentos capazes de deixar um impacto tão duradouro no Planeta (daí o debate ainda em curso sobre a nova época geológica e histórica do Antropoceno ou Antropocénico). Contudo, nunca como hoje, **a ausência de racionalidade política, a avidez económica e o aventureirismo militar parecem tão inclinados a usar catastroficamente esses conhecimentos, competências e instrumentos** contra a Terra, única casa comum da humanidade.

Que podem fazer os cientistas e investigadores, bem como as respetivas redes sociedades e organizações, para não se limitarem a ser meros espectadores numa corrida para o abismo? Como poderemos contribuir para que o direito a existir das gerações futuras prevaleça sobre a usura do imediatismo dos poderosos de hoje? Como poderemos ajudar a que a preservação duradoura do Sistema Terrestre prevaleça sobre a sua pilhagem e destruição através de uma “economia que mata”, recordando os ensinamentos do Papa Francisco? Como poderemos argumentar e persuadir para que os decisores políticos e económicos não esqueçam a lição fundamental da guerra-fria: **só a diplomacia pode resolver conflitos, pois a guerra nuclear não terá vencedores, apenas vencidos?**

ACL, iniciativa 10 11 2025

Viriato Soromenho-Marques